

## Coexistência Pacífica e Luta de Classes

Eurico Linhares<sup>1</sup>

Com a suspensão do bloqueio ianque parece afastado o perigo imediato que pairava contra Cuba. O *statu-quo* nas Caraíbas, isto é, a existência da revolução cubana, foi assegurado temporariamente e o povo e o governo da Ilha podem dedicar-se novamente às tarefas internas.

O imperialismo se amarrrou as mãos com as declarações de não intervenção de Kennedy. Não tenhamos ilusões, entretanto. O perigo imediato foi afastado, mas o latente continua. O que assistimos presentemente não é outra coisa senão um intervalo entre dois "rounds" de uma luta em que os dois blocos adversários concordam tacitamente em não usar armas suicidas. Ambos os lados procurarão mudar o *statu-quo* com os recursos da guerra fria, alterar as relações de força a seu favor, para enfrentar o próximo choque aberto em condições mais favoráveis.

Tudo indica que será o imperialismo que tomará a iniciativa para isso, pois a mera existência de Cuba Revolucionária é uma constante ameaça ao seu domínio no continente.

A forma sob a qual Kennedy reafirmou as garantias de não-intervenção, dadas pela primeira vez na Nota de 27 de outubro, mostra que Washington conscientemente deixou uma porta aberta, que lhe permitisse voltar ao ataque, quando julgar ter chegado a hora. Declarou Kennedy, por ocasião da suspensão do bloqueio, após Havana ter concordado com a remoção dos aviões "Ilyuchin": "*De nossa parte, se as armas ofensivas forem eliminadas e se for conseguida uma inspeção adequada, e se **Cuba não for empregada como base ofensiva para a propagação do comunismo, haverá paz nas Caraíbas***".

A ressalva da "propagação do comunismo", evidentemente, não é feita gratuitamente. Ela será lembrada na hora em que os Estados Unidos julgarem mudadas as relações de forças e assim se sentirem libertados dos compromissos tomados. É essa a forma sob a qual a chamada "coexistência pacífica" se realiza, não só nas Caraíbas (onde é pouco pacífica), mas em escala mundial.

No caso concreto de Cuba, a mudança do *statu-quo* não depende somente das relações entre as Grandes Potências: União Soviética e Estados Unidos. Dependerá, talvez mais diretamente, do desenrolar das lutas de classe em todo o continente, pois a revolução cubana surgiu e existe como vanguarda da revolução latino-americana, com a qual o seu futuro é inseparavelmente ligado. Um enfraquecimento das forças revolucionárias no continente reforça automaticamente a pressão imperialista contra a Ilha, um ascenso das massas coloca o imperialismo na defensiva. Um aguçamento das lutas de classe e um reforço palpável do movimento revolucionário nas cidades e no campo representam, portanto, uma condição indispensável para o crescimento do apoio das massas latino-americanas à revolução cubana.

Vemos, aqui, portanto, dois fatores que se empenham a favor da revolução cubana. De um lado, os recursos materiais do campo socialista, no qual se destacam agora mesmo o potencial militar e a pressão diplomática da União Soviética. De outro, as massas exploradas do continente que se lançam na defesa da revolução cubana na medida em que tomam consciência de classe e cuja única arma é a luta de classes.

Seria o caso de supor que esses dois fatores se completam mutuamente, pois trata-se de duas forças que lutam contra o mesmo inimigo — o imperialismo — e pelo mesmo objetivo — o socialismo no mundo. Na prática, essa coordenação das forças não se dá, todavia, sem atritos e contradições e as discussões em torno do caso cubano são um novo caso de teste para um reexame das relações entre os países socialistas e o movimento revolucionário no mundo capitalista, na luta comum.

O primeiro atrito é criado pela tentativa de um governo socialista impor a sua tática na luta contra o imperialismo ao conjunto das forças revolucionárias, que lutam em condições totalmente diferentes. Voltando ao caso cubano, encontramos uma análise de Boris Ponomarev, do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética, publicada no "Pravda", que procura tirar as lições da crise. (Usamos uma versão da "AFP"). Veremos as conclusões a que chega.

Ponomarev começa exaltando o governo soviético, por ter salvo a paz e evitado a guerra termo-nuclear. Poderíamos deixar de lado esse argumento duvidoso, destinado a impressionar a opinião pública pequeno-burguesa na Europa e nos Estados Unidos (os resultados são igualmente duvidosos) mas acontece que a exaltação pacífica não se limita a isso. Dirigindo-se ao movimento operário

<sup>1</sup> "Eurico Linhares" foi um dos pseudônimos utilizado por Érico Sachs, também conhecido por "Ernesto Martins", dirigente e principal formulador político da ORM – Política Operária. Mais informações em [http://www.centrovictormeyer.org.br/attachments/101\\_Ernesto%20Martins.pdf](http://www.centrovictormeyer.org.br/attachments/101_Ernesto%20Martins.pdf)

propriamente dito, Ponomarev repete a batida tese de que a revolução social nos países capitalistas pode agora ser feita por meios pacíficos. *"Os dirigentes que esquecem, ou que ignoram a existência dessas possibilidades pacíficas não fazem senão frear o desenvolvimento do processo revolucionário"*, diz o articulista.

E porque a razão de ser, nos dias de hoje, daquelas "possibilidades pacíficas revolucionárias", as mesmas que já provocaram o sarcasmo de Lênin e de toda uma geração de marxistas nos dias áureos em que vivia e pregava Bernstein? Ponomarev nos antecipa a resposta a essa pergunta. E' por causa da "coexistência pacífica".

Quem põe em dúvida as possibilidades pacíficas da revolução é acusado de sabotar a política da Coexistência Pacífica da União Soviética, é acusado de querer empurrar a humanidade para a guerra termo-nuclear.

A coexistência pacífica aparece hoje como a preocupação Número Um da política externa soviética. O que significa isso na prática?

Significa, obviamente, que os dois sistemas sociais deste Globo são obrigados a coexistir, a não ser que entrem em choque aberto, em guerra. Pregar a coexistência pacífica não significa outra coisa senão assegurar ao regime adverso que não se cogita de usar a guerra "quente" como meio de luta na disputa dos dois sistemas. Pois é claro — e isso os dirigentes soviéticos não negaram — a longo prazo, a luta tem de terminar com a vitória de um sistema sobre o outro. O próprio Kruschev disse aos americanos, durante a sua visita aos Estados Unidos: "Seus netos viverão sob o socialismo..."

Trata-se, portanto, de um argumento a ser usado de governo para governo, de um país socialista a um país burguês. Isto é, faz parte da **linguagem diplomática**, da troca de notas e demais gentilezas de um Ministério do Exterior, que países socialistas são obrigados a sustentar enquanto forem minoria neste mundo.

Como todos os argumentos diplomáticos, sua importância não deve ser superestimada. Eles variam com o tempo e as necessidades e só servem de cobertura para fatores materiais. Ter-se evitado uma guerra nuclear até hoje, deve-se antes de tudo ao fato de a União Soviética ter construído um potente arsenal de foguetes e cabeças nucleares, que ameaçam os centros dos países imperialistas.

Se, entretanto, um governo socialista usa a mesma linguagem da "coexistência pacífica" no trato com as massas exploradas, as classes oprimidas do mundo imperialista, o argumento deixa nessas circunstâncias de ser diplomático e se torna **ideológico**. Com quem é que a classe operária e seu movimento revolucionário nos países capitalistas devem coexistir? Com o campo socialista? Isso seria uma redundância, pois eles são aliados na luta pelo socialismo. Então, com a sua própria burguesia e com o imperialismo? Isso é a renúncia à revolução e a auto-limitação a um mero movimento de reformas. Mas é exatamente o que Ponomarev recomenda na prática.

Não pretendemos fazer do camarada Ponomarev um bode expiatório. Ele fala em nome do C. C. do poderoso Partido soviético, cuja política ele defende. A tese por ele defendida não é nova. Enfrentamos aqui uma variante do neo-reformismo staliniano, que já foi abalado em vida do próprio Stalin pela revolução chinesa e, posteriormente, de novo pela revolução cubana. O que se defende é nada mais e nada menos do que a velha submissão do movimento comunista mundial à política externa da União Soviética.

No fundo, os herdeiros ainda partem das premissas do velho Stalin. O progresso da revolução mundial é idêntico à expansão do poderio soviético. Os movimentos comunistas, portanto, representam uma força auxiliar da União Soviética no mundo capitalista. E como a União Soviética aparece, em tempos de paz, no cenário internacional por intermédio da sua diplomacia, o movimento internacional está sendo forçado a levar em conta as atividades diplomáticas russas, em primeiro lugar.

Mas nós não somos diplomatas, companheiros. Ainda não fizemos a nossa revolução e a experiência mostra que nenhum dos PC's que seguiram essa política se mostraram capazes de fazer a sua revolução. Só a fizeram partidos que se rebelaram contra a linha oficial, como o chinês e o iugoslavo, ou comunistas que não estavam no partido oficial, como em Cuba.

Lênin já verificou que o oportunismo da direita e o ultrarradicalismo da esquerda se alimentam mutuamente. Como não pode deixar de ser, a acomodação soviética encontra o seu complemento no outro extremo. Se os trotskistas, da chamada IV Internacional, falam hoje de uma "guerra atômica revolucionária", eles se encontram num papel análogo ao dos anarquistas, há meio século, que não tinham perspectiva histórica para enfrentar o reformismo oficial e começaram a apelar para bombas, mais modestas então.

Mais séria, sem dúvida, é a oposição que se nota no próprio campo socialista, frente à estratégia política dos soviéticos. Mas também aqui convém andar cautelosamente nas apreciações. A China, que levanta às vezes objeções muito justas aos aspectos ideológicos da política externa soviética, inutiliza

o impacto da sua argumentação pela sua atuação política prática, que igualmente tem repercussão desfavorável sobre o movimento revolucionário. Já que nós falamos em estratégia revolucionária global, temos de levar em conta os prejuízos que a recente disputa fronteiriça ainda terá sobre o movimento revolucionário na Índia e nos países vizinhos do Sudeste Asiático. Também os comunistas chineses colocam os aspectos nacionais da sua política acima das necessidades do movimento internacional. Quem paga o pato são os comunistas indianos, divididos na ocasião numa ala reformista, que apelou simplesmente para a defesa da Pátria burguesa latifundiária, e uma ala revolucionária que procurou apoio nos chineses, mas que ficou completamente desorientada com a situação criada, que atrasa a luta revolucionária naquele país.

A crítica iugoslava, ao contrário, já vem do lado oposto. Belgrado deu muita ênfase às relações democráticas entre países socialistas, mas na prática renunciou a defender esse ponto de vista. A versão Iugoslava do "marxismo-leninismo" visa a justificar, antes de tudo, a permanência do seu país fora do bloco socialista e serve igualmente para dar cobertura ideológica à sua política externa. E' isso, apesar das divergências existentes, que as três versões do marxismo-leninismo, oferecidas por Moscou, Pequim e Belgrado, têm em comum. Trata-se de teorias influenciadas em grau maior ou menor por uma política prática, onde o elemento da política externa não é o menos importante.

Isso explica a nossa atitude crítica frente às teses oficiais. Para nós, vale ainda a máxima de Lênin. Não há teoria revolucionária sem prática revolucionária, e vice-versa.

A experiência de quase meio século de existência de países socialistas num mundo capitalista mostra que é preciso levar em conta a diversidade das condições e dos métodos de luta reinantes nos dois campos. Não há dúvida de que o proletariado no poder, constituído como classe dominante e dispendo do seu próprio Estado, tem uma visão diferente da do proletariado que ainda luta pelo poder. Mas ainda, a curto prazo, o proletariado no poder pode ter interesses próprios a defender, que temporariamente se chocam com os interesses do proletariado do mundo capitalista.

Vemos um exemplo vivo: em 1937-38 o Partido Comunista da Argélia rompeu com o partido francês e com o Comintern, porque estes, no decorrer da sua política da frente popular e da aliança com a "burguesia progressista", se negaram a apoiar a luta de independência dos argelinos. O segredo da reviravolta do comunismo oficial estava no pacto Franco-Soviético, que, aliás, falhou na hora crítica.

Outro exemplo: a política soviética na Europa, em 1945, visava a assegurar à União Soviética um máximo de segurança militar, que impedisse uma nova invasão de seu solo por forças imperialistas. Conseguiu esse intuito, mas, em troca, essa política impediu a revolução na Europa Central e Ocidental. E' evidente que, a longo prazo, não há contradições de interesses entre os países socialistas e as massas exploradas do mundo capitalista, pois ambos visam o mesmo objetivo final. Mas o característico do neo-reformismo stalinista era, em princípio, o mesmo de qualquer reformismo, o de sacrificar o objetivo final a interesses imediatos.

Não é esse o único gênero de choques de interesses que se pode dar. Igualmente pode um país, onde o proletariado já tomou o poder, querer a todo custo romper seu isolamento e solucionar suas dificuldades internas, exigindo, para isso, do movimento revolucionário nos países capitalistas, uma ofensiva, inclusive o movimento insurrecional, no momento em que as condições ainda não são maduras. Os resultados serão igualmente nefastos, pois encorajarão aventuras que atrasam o movimento no seu conjunto. Essa tendência se manifestou, às vezes, durante os primeiros anos da existência do Estado Soviético.

O que decorre dessa experiência é que toda a classe operária nacional tem de forjar o seu movimento e a sua vanguarda dentro dos padrões e tradições de seu país. Tem que aprender a resolver os seus problemas e orientar a sua luta de classe, coordenando as suas forças com as forças revolucionárias dos países vizinhos e em escala mundial. Tem que ter a liberdade de formular e defender os interesses do seu proletariado, a fim de estar apta para contribuir de fato para uma estratégia global revolucionária.

Hoje, parece ter passado definitivamente a época do chamado monolitismo, quando os comunistas do mundo inteiro procuravam "falar russo". Os debates dentro do campo socialista o demonstram, embora os métodos de discussão ainda não se tenham livrado dos vícios do passado.

No mundo capitalista, aí fora, muitos que sentem falta da tutela do "velho" do Kremlin procuram ainda um substituto. Para nós, que não sentimos falta do paternalismo passado, que nunca conseguimos viver em coexistência com a burguesia, nem com o imperialismo e que nunca escondemos que travamos a luta de classe, essa questão não se coloca mais.

Para nós, trata-se de criar um partido tão marxista, tão imbuído da sua missão histórica e tão enraizado nas suas massas, como eram os partidos nos países que já fizeram a sua revolução.

*Publicado na Revista Política Operária Nº 5, jan-fev/1963.*